



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE E PRESERVAÇÃO
CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

Renato de Oliveira Alcantara

**A memória e a ausência:
considerações sobre a múmia Sha-amun-em-su no Museu Nacional
e a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina no Paço de São Cristóvão**

Rio de Janeiro

2023

Renato de Oliveira Alcantara

A memória e a ausência:

**considerações sobre a múmia Sha-amun-em-su no Museu Nacional
e a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina no Paço de São Cristóvão**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Conservação e Restauração

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Am Alcantara, Renato de Oliveira
A memória e a ausência: considerações sobre a múmia Sha-amun-em-su no Museu Nacional e a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina no Paço de São Cristóvão / Renato de Oliveira Alcantara. -- Rio de Janeiro, 2023.
42 f.

Orientadora: Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Conservação e Restauração, 2023.

1. Memória. 2. Ausência. 3. Sha-amun-em-su. 4. Sala de visitas. 5. Existe. I. Ribeiro, Benvinda de Jesus Ferreira, orient. II. Título.

Renato de Oliveira Alcantara

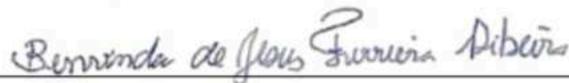
A memória e a ausência:

**considerações sobre a múmia Sha-amun-em-su no Museu Nacional
e a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina no Paço de São Cristóvão**

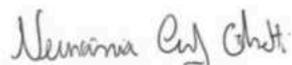
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção de título de Bacharel em Conservação e
Restauração

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro

Aprovado em 12 de dezembro de 2023



Prof.^a. Dr.^a. Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro (orientadora)



Prof.^a. Dr.^a. NeuvâniaCurty Ghetti – EBA I UFRJ (avaliadora interna)



Prof.^a. Dr.^a. Ana Maria Tavares Cavalcanti – EBA I UFRJ (avaliadora externa)

Rio de Janeiro

2023

À Pi, pois *“para quem ama, não será a ausência a mais certa, a mais eficaz,
a mais intensa, a mais indestrutível, a mais fiel das presenças?”*

Marcel Proust

AGRADECIMENTOS

Sempre continuarei agradecendo aos meus pais, Maria Glaudivânia e Raimundo Nonato, que são os melhores que podem ser e os melhores que eu poderia ter, obrigado por sonharem os meus sonhos comigo. Obrigado pela força, por me inspirarem a coragem e por estarem aqui, mesmo quando não estão. Desde lá atrás sei que estou aqui pela atenção que vocês tiveram quando me inscreveram no Colégio Pedro II, quando me apoiaram a cursar o sonho da História da Arte, e quando me incentivaram a continuar sonhando com a vontade que surgiu da segunda graduação, no curso de Conservação e Restauração. Agradeço por terem vindo ao Rio pensando na construção de uma vida melhor. Sinto muito orgulho das suas histórias. Escrevi este trabalho com muita saudade de vocês que já estão no Ceará.

Para a minha mana Amanda, o mesmo agradecimento do trabalho de conclusão de curso anterior, em História da Arte: obrigado pelos “puxões de orelha” e incentivo nas várias vezes que pensei em desistir. Você me estimula a lutar sempre. Sem você, entregar este trabalho agora não seria possível. É bom estar com você. E Henriquesson e Zoza, vocês são demais, obrigado por terem me recebido na casa de vocês no último ano.

Agradeço à Pi, a quem durante a escrita deste trabalho não deixei de pensar, em que a sua ausência me emocionou algumas vezes e que as memórias que eu tenho de você, minha amiga, sempre me tiram um sorriso bobo.

Agradeço a amizade dos dias na faculdade, minhas amigas: Ju, Lina, Rafa, Rose e Quel. Lembro do primeiro dia que conheci cada uma de vocês. Conheci Rose no dia de inscrição em disciplinas, lá no Laboratório de Química do curso de CR-EBA/UFRJ. Se me lembro a ordem, Quel, Ju e Lina foram no nosso primeiro dia de aula, na sala de Plástica 1. E Rafa foi na aula de Pintura A, com o estimado Prof. Cláudio Valério. Já tenho a saudade de lembrar de vocês.

Agradeço às historiadoras da arte: Ary, Babi, Di, Est, Flora, Marry, Raquel e a quase metade historiadora da arte, Manu. E a Amilton também. Sinto que um pedacinho de cada uma de vocês segue comigo, lá dentro do coração. É bom lembrar e já ter saudades daqueles que foram com certeza uns dos melhores anos de nossas vidas...

Agradeço à Thaís, por você estar comigo.

Agradeço ao eterno Professor Luciano e a sua mãe, pois vocês foram pessoas que mudaram a minha vida, e nunca vou me esquecer disso. Luciano é um professor incrível e uma pessoa ainda mais maravilhosa, obrigado pelo seu carinho, e o da sua querida mãe também.

Agradeço à Professora Benvinda, pela orientação, pelas indicações, pela dedicação e atenção, pelo empenho e apoio, e pelas aulas entusiasmadoras. Por demonstrar aos alunos a paixão pelo o que se faz. Pelo amor que devemos ter para fazermos bem aquilo que queremos, e a determinação que não tem descanso. A admiro como conservadora-restauradora e também por perceber que você é alguém que faz a diferença. Perto de você lembrei de duas coisas que acredito não poder esquecer: a persistência por aquilo que realmente faz a gente sonhar e o nosso coração bater mais forte; e acreditar que quando se quer, tudo é possível. Estar sonhando é sempre possível. Agradeço muito por estar me acompanhando neste trabalho.

Agradeço à Professora Neuvânia, pela participação na banca, pelas aulas tão atenciosas, e pelo meu aceite na ação dos alunos de CR da EBA com a equipe de curadoria da Arqueologia do Museu Nacional, pois foi muito feliz estar de volta a um lugar que sinto como casa, e estar aprendendo mais sobre os estudos e fazeres de uma das tantas questões interessantes que o museu pode nos apresentar e ensinar.

Agradeço à Profa. Ana Canti, pela participação na banca e pelas aulas que eu não esqueci. Você é uma lembrança feliz e saudosa da História da Arte, e contribuiu muito na minha formação.

Agradeço às professoras Ana Paula, Maria Luisa e Maria Malta, cujas disciplinas ministradas e textos dispostos acenderam a luz para a escolha de leituras a serem realizadas no trabalho.

Agradeço aos professores da Conservação e Restauração, que motivam a acreditar no papel social da nossa profissão, e à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

Para sempre agradeço a toda equipe da Seção de Assistência (SAE) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ), por ter me dado uma das maiores oportunidades que já vivi: conhecer aquela casa conhecida como nosso Museu Nacional.

Agradeço à Sha-amun-en-su, a múmia inesquecível, você foi uma boa companhia no museu.

Agradeço a todos os autores que neste trabalho referencio, pois suas contribuições são essenciais, para mim que escrevo, para os outros que virão, assim se faz a eternidade daquilo que podemos contar, que será aquilo que poderemos conhecer.

[...] tenho saudade de tudo.

Central do Brasil, 1998.

RESUMO

ALCANTARA, Renato de Oliveira. **A memória e a ausência:** considerações sobre a múmia Sha-amun-em-su no Museu Nacional e a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina no Paço de São Cristóvão. Rio de Janeiro, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração)- Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Entendendo memórias e ausências, como falar de coisas que existem, já não existem, mas podem continuar resistindo e reexistindo? O Museu Nacional / UFRJ traz consigo mais de 200 anos de histórias que se transformaram muito ao longo desse tempo. Dois marcos dão como ponto de partida a reflexão em questão: em 2 de setembro de 2018, um incêndio de grandes proporções atingiu o edifício sede do Museu Nacional, e lá estava a múmia Sha-amun-em-su, pertencente a Coleção Egípcia do museu, tendo sua história atravessado séculos de existência. Como defender a preservação da memória de uma peça que continua existindo, mas diferente de como conhecia-se antes? E para aqueles outros que ainda a conhecerão?; Já o edifício que abriga o Museu Nacional, abrigou a casa de antigos Imperadores, e possui cômodos no qual as suas utilizações anteriores - antes de ser transformado em museu em 1892 - foram esquecidas pelas modificações que ocorreram. Mas em fins do século XIX, em algum lugar, havia uma sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina. Como preservar a memória desse lugar que não se conhece? A partir desses estudos de caso, o presente trabalho objetiva contar sobre duas histórias e as suas existências, já não existências, resistências e reexistências. São reflexões sobre as possibilidades do que essas coisas podem ser ao mesmo tempo. É um trabalho teórico-conceitual íntimo às memórias sobre uma peça que conheci e está diferente, e uma sala que não conheci e apenas imaginei. Há memórias, há ausências e vontade de preservar.

Palavras-chave: memória; ausência; Sha-amun-em-su; sala de visitas; existe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: esquife em madeira estucada e policromada com a múmia de Sha-amun-em-su. Acesso em 13 set. 2023.....	19
Ilustração 2: imagens computadorizadas da Sha-amun-em-su no interior de seu esquife.....	23
Ilustração 3: o escaravelho coração da cantora Sha-amun-em-su.....	24
Ilustração 4: mediadores do Museu Nacional conversam sobre a múmia Sha-amun-em-su.....	25
Ilustração 5: o escaravelho coração de Sha-amun-em-su ainda contido no interior de seu esquife.....	25
Ilustração 6: exposição de Egito Antigo do Museu Nacional / UFRJ. O caixão ao centro do salão é o da Sha-amun-em-su.....	26
Ilustrações 7: relação dos itens da sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina.....	29
Ilustração 8: sofá com topos encimados com inicial “T”. Acesso em 14. set 2023.....	31
Ilustração 9: cadeira de braços encimada com inicial “T”. Acesso em 14. set 2023.....	31
Ilustração 10: cadeira de braços encimada com inicial “T”. Acesso em 14. set 2023.....	31

Ilustração 11: cadeira encimada com inicial “T”. Acesso em 14. set 2023.....32

Ilustração 12: detalhe de topo com inicial “T”. Acesso em 14. set 2023.....35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A MEMÓRIA E A AUSÊNCIA: HÁ MEMÓRIA E HÁ AUSÊNCIA.....	15
2. SOBRE O QUE CONHECI, SHA-AMUN-EM-SU.....	19
3. SOBRE O QUE NÃO CONHECI, A SALA DE VISITAS DA IMPERATRIZ D. TERESA CRISTINA.....	27
4. TER MEMÓRIA NA AUSÊNCIA: TER MEMÓRIA DA AUSÊNCIA.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Se quando estudava História da Arte¹, queria levar o Museu Nacional / UFRJ² para os meus trabalhos, durante o percurso da graduação em Conservação e Restauração não foi diferente. Não deixei de pensar nele. Minha imaginação não deixou de voltar lá. A vontade de visitar e revisitar o museu de outras maneiras permaneceu.

Se gosto de contar histórias das memórias que tive, gosto de tentar entendê-las por partes que conheci, não conheci, sei e ainda nem sei. Quando me perguntam porque escolhi estudar Conservação e Restauração, conto que escolhi estudar História da Arte porque gosto de ler imagens, e escolho estudar Conservação e Restauração para com maior atenção perceber as belezas e os problemas delas, dos danos e diversos tipos de imagens que formam o mundo.

Entre os anos de 2013 a 2018, tive a experiência de ser mediador do Museu Nacional, através do trabalho que é realizado pela Seção de Assistência ao Ensino (SAE)³ no museu. Ser mediador das exposições e aprender sobre o que elas nos contam, me possibilitou a conhecer histórias: das histórias que li e estudei; das histórias que os curadores e especialistas me ensinaram; das histórias que os outros funcionários compartilhavam; das histórias vivenciadas com os colegas; das histórias que desenvolvi com o acervo; das histórias que foram conversadas com os visitantes dentro do museu; das histórias que...

Em 2019, fui mediador de um jeito diferente, do lado de fora do museu, e tudo já não parecia ser mais como era antes, desde o incêndio de grandes proporções que atingiu o museu em 2 de setembro de 2018. De um jeito diferente - como anteriormente realmente já foi escrito - apesar de parecer, nem tudo mudou, pois as histórias sempre ganham novas formas, capítulos, resgates e descobertas através da pesquisa. A História sempre continua. Então as visitas conversadas⁴ continuaram também.

¹ Graduado em História da Arte (2018) pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ).

² Primeiro museu do Brasil, criado em 1818 por Dom João VI, e incorporado à Universidade do Brasil em 1946, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Primeiro setor educativo de um museu brasileiro, criado em 1927 por Edgard Roquette-Pinto.

⁴ Termo criado por Andréa Fernandes Costa - que é Técnica em Assuntos Educacionais da SAE - para compreender uma mediação que acontece no ritmo do que é trocar uma conversa.

Entre papéis, esculturas e pinturas, bidimensionalidades e tridimensionalidades, meus olhos querem compreender as histórias que as coisas nos contam, o que aquele objeto é, um dia já foi, nem por isso deixou de ser, mas deixou de ser também, transformou-se. Transformou até pessoas.

A partir de dois estudos de caso, o presente trabalho propõe-se a contar sobre duas histórias e as suas existências, já não existências, resistências e reexistências. São reflexões sobre as possibilidades do que essas coisas podem ser. É um trabalho teórico-conceitual íntimo às memórias sobre uma peça que conheci e está diferente, e uma sala que não conheci e apenas imaginei. Pois não deixamos de querer visitar as coisas mesmo quando não as conhecemos? Ou quando podemos ser rerepresentados a elas?

Passeando pelo Museu Nacional - que é o fio condutor de duas histórias de memórias e ausências que ele me apresentou, e por entre histórias faladas e já escritas que precisam ser refletidas para que os imaginários de potenciais maneiras de preservar sejam lembrados, e não esquecidos - para esta monografia:

O primeiro capítulo trará algumas considerações e reflexões sobre a relação entre memória e ausência, e as percepções referenciais e experienciais que a Conservação e Restauração também pode dar como contribuição no olhar das narrativas históricas dos objetos e lugares, nas suas plurais maneiras de continuarem existindo.

No segundo capítulo conheceremos breves histórias da múmia Sha-amun-em-su, pertencente à Coleção Egípcia do museu. Seu esquife⁵ conta do momento em que ela viveu, de um Egito que estava sendo conhecido no século XIX e de um brasileiro que estava super interessado nesse conhecimento, o Imperador D. Pedro II. Seu esquife conta de outros anos também, de anos em exposição e sendo conhecida pelos seus visitantes, do dia 2 de setembro, a memória do fogo, e as suas formas de continuar existindo pela eternidade.

⁵ Termo usado para referir-se ao caixão feito em madeira, diferente de sarcófago, no qual matéria utilizada é a pedra.

No terceiro capítulo conheceremos a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina, que já não existia no incêndio do dia 2 setembro de 2018, que não conheci, mas que com certeza já estive, ao andar pelas exposições no segundo pavimento do museu. Como conhecer espaços em que jamais poderíamos estar por conta dos acontecimentos que se desenharam lá atrás? Através da pesquisa e leitura dos autores Francisco Santos e Marize Malta, factualmente o mobiliário desse espaço pode ser entendido, e a composição e os bens integrados⁶ da ornamentação fixa evocado, abrindo dilemas entre o exercício da imaginação e a preservação daquilo que não se conhece.

O quarto capítulo retornará considerações sobre memória e ausência, considerando que estas se relacionam de forma intrínseca a outra, e a importância e cuidado nas suas abordagens, para a boa preservação das memórias dos objetos e lugares através das pessoas.

⁶ Segundo o Iphan (2018) os bens integrados são elementos que estão fixados à arquitetura e estabelecem uma unidade com o espaço do ambiente construído para o qual foram concebidos. Disponível em:
<

1 A MEMÓRIA E A AUSÊNCIA: HÁ MEMÓRIA E HÁ AUSÊNCIA

E tendo notado que em *penso, logo existo* nada há que me garanta que diga a verdade, exceto que vejo muito claramente que para pensar é preciso existir, julguei que podia tomar por regra geral que as coisas que conhecemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras, havendo porém somente alguma dificuldade em distinguir bem quais são as que concebemos distintamente.

(DESCARTES, 1996, p. 39)

Se para René Descartes (1996, p. 39) “[...] *penso, logo existo* [...]”, este autor que escreve logo pensa, que se há memória, há ausência, pois não há como não esquecer parte daquilo que o tempo já levou.

Em algum momento no curso da graduação, fiz uma anotação sobre uma reflexão que veio à cabeça: *acho que construir memória é esquecer também, a memória tem lá suas seleções, e são as situações colocadas pelos contemporâneos em seu tempo que contribuem para o que será mais esquecido ou lembrado, e aí já são deixadas escolhas do que será preservado.*

Considerando que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1984, p. 46), então nós preservamos algo, porque nós queremos lembrar. Precisamos contar histórias do tempo que já passou, do tempo que vivemos, e para as memórias que as gerações futuras irão criar.

Ao conservar-restaurar um objeto, há muitas questões conceituais atribuídas. É dar continuidade a uma história, investigar e descobrir o passado, compreender o presente, e o mais importante de tudo: contribuir para que todos tenham a oportunidade de compartilhar memórias através dos tempos, construir e perceber suas individualidades e formar memórias que tornam-se coletivas. É o conhecimento.

Portanto, “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1984, p. 47). É um compromisso social de todos os indivíduos: da contribuição daqueles que viveram no passado, daqueles que estão vivendo

aqui agora e daqueles que ainda virão. É uma responsabilidade que caminha do fazer dos profissionais de conservação-restauração à sociedade que precisa pertencer a essas memórias.

Mas é possível preservar a totalidade dos objetos colecionados por nós? Para Pierre Nora (2012, p. 12) “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos”. Pergunto novamente, seria possível preservar tudo? Deve se dizer que não. Lugares como museus já preservam restos. Então não parece mesmo haver memória sem esquecimento. Um museu bem como conta sobre tudo que está ali, também conta sobre o que não está. É o vislumbre - às vezes muito bem preservado - de algo que já não existe mais como antes. Ausência.

E o que preservar através da ausência? Podemos compreender que “[...] as ausências se revelam tão significativas quanto o que está presente” (BIENE, 2013, p. 170). É possível sermos reapresentados as histórias que podem ser revistas, redescobertas e recontadas. Se a memória traz consigo silêncios, partes faltantes, há ruídos entre, e cabe a nós a escuta às memórias de objetos, lugares e seus tempos. Através da pesquisa, é a voz da história que se esqueceu. É o exercício de dialogar histórias que a História não conta.

Compreendendo que para a Conservação e Restauração “[...] não são apenas as práticas de laboratório que ditam seus caminhos: se pretende conhecer-se e reconhecer-se como ciência, demanda compreender sua construção epistemológica tanto quanto suas operações estruturais” (FRONER e ROSADO, 2008, p. 20). E complementado no pensamento de que a:

Conservação como ato intelectual é premissa para crer que conhecimento, memória e experiências são circunscritas à construção cultural, especialmente à cultura material. A preservação – de uma pintura, um edifício ou uma paisagem – busca estender esses elementos até o presente, estabelecendo uma mediação crítica para a interpretação dos processos que reforçam todos os aspectos da existência humana. Os objetivos da conservação envolvem a avaliação e a interpretação do significado do patrimônio cultural para sua preservação, resguardando-o no presente e no futuro. Nesse sentido, a conservação em si é uma maneira de ampliar e consolidar identidades culturais e narrativas históricas para além do tempo, por meio da valorização e da interpretação do patrimônio cultural.

(MATERO, 2000: s.p. apud FRONER e ROSADO, 2008, p. 21)

A Conservação e Restauração pode ser entendida como uma disciplina que estuda as memórias de fazeres que são intangíveis, e dos objetos e lugares através dos tempos, seja pelas questões dos materiais constituintes e das marcas agregadas pelo tempo, bem como pelos múltiplos significados que são adquiridos nos seus trânsitos e encontros com as pessoas.

Em sua *Teoria Contemporânea da Restauração*, Salvador Muñoz Vinãs (2021) nos reapresenta e apresenta a Restauração, convidando a pensarmos sobre ela mesma e fundamentalmente sobre nós em nossa própria relação com ela, na qual a primeira atenção está em nós sujeitos, e não mais nos objetos. Não há mais um caminho absolutamente verdadeiro - estimado pelos teóricos clássicos da disciplina - mas sim os diálogos que trazem a pertinência de questionamentos e reflexões sobre as subjetividades entre objetos, pessoas e seus modos de preservar. Quais significados são possíveis?

Entendendo memórias e ausências, como falar de coisas que existem, já não existem, mas podem continuar resistindo e reexistindo? O Museu Nacional / UFRJ traz consigo 205⁷ anos de histórias que se transformaram bastante ao longo desse tempo. Dois marcos dão como ponto de partida a reflexão em questão:

O edifício que abriga o Museu Nacional, que abrigou a casa de antigos moradores⁸, já foi palácio, e possui cômodos no qual as suas utilizações anteriores - antes da chegada do museu em 1892⁹ - foram esquecidas pelas modificações sucedidas após o “[...] leilão de 1890 do espólio da família imperial, banida um ano antes por ocasião da Proclamação da República” (ALCANTARA, 2018, p. 15). Em fins do século XIX, em algum lugar, havia uma sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina. Como preservar a memória desse ambiente interior que não se conhece?

⁷ Completados no dia 6 de Junho de 2023.

⁸ A edificação foi a Chácara do mercador de escravos Elias Antônio Lopes de 1803 a 1809, Paço Real de D. João de 1810 a 1821, Paço Imperial de Pedro I de 1822 a 1831, e Paço Imperial de Pedro II de 1831 a 1889, quando atingiu sua atual feição arquitetônica neoclássica (BIENE, 2013 apud ALCANTARA, 2018).

⁹ Pois, “[...] em 1892, o Museu Nacional que até então era sediado no Campo de Santana foi transferido para o Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista, cujos espaços internos passaram pelas mais diversas transformações. Graças aos esforços do então diretor do museu, Ladislau Netto [...]” (DANTAS, 2007 apud ALCANTARA, 2018, p. 21).

Em 2 de setembro de 2018, um incêndio de grandes proporções atingiu o edifício sede do Museu Nacional. Lá estava a múmia Sha-amun-em-su, em que sua história atravessa séculos de existência: da sua vida no Egito, da viagem para o Brasil e residência no Paço de São Cristóvão, dos tempos do Imperador D. Pedro II aos visitantes que a conheceram até o dia 2 de setembro de 2018. Como defender a preservação da memória de uma peça que continua existindo, mas diferente de como conhecia-se antes? E para aqueles outros que ainda a conhecerão?

Nas próximas páginas, sejam bem-vindos a duas histórias vivas - de existências, já não existências, resistências, e reexistências - que a Sha-amun-em-su, a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina, e de quem tem memória e ausência pode contar.

2 SOBRE O QUE CONHECI, SHA-AMUN-EM-SU

Sha-amun-em-su¹⁰ era considerada uma das maiores jóias da Coleção Egípcia do Museu Nacional / UFRJ. Entre histórias que permeiam a sua longa existência, desde os tempos de um Egito muito antigo à sua estadia e permanência nos trópicos, ou contando de outra forma, desde de quando ela fazia parte de um seleto grupo de sacerdotisas cantoras de um dos maiores templos da Antiguidade até o posto de uma favorita e conselheira do Imperador do Brasil, Pedro II, assim faremos uma breve passagem por sua vida que tem sido muito mais do que breve, pois sua história ainda se constrói na atualidade.

Voltando aproximadamente 2.700 mil anos atrás, de acordo com os estudos publicados pelo Egíptólogo Antonio Brancaglioni Junior (2009)¹¹, sendo mais precisamente no século VIII a.C., encontramos a Sha-amun-em-su que foi uma sacerdotisa e cantora no Templo de Karnak, dedicado ao deus Amon-Rá, na antiga cidade de Tebas, atual região que compreende Luxor, Egito. Ela morreu por volta dos 50 anos de idade de causas não determinadas. E como de costume para indivíduos com status ilustres, Sha-amun-em-su foi mumificada¹² para o seu descanso e passagem para a eternidade.



Ilustração 1: esquite em madeira estucada e policromada com a múmia de Sha-amun-em-su.

Fonte: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/egito-antigo/arqegit009.html>. Acesso em 13 set. 2023.

¹⁰ “[...] nome da cantora que significa “os campos férteis de Ámon [...]” (PIVETTA, 2015, p.17).

¹¹ Adicionadas informações do folder educativo *Sha-amun-em-su: uma cantora do Egito Antigo*, produzido pelo Professor Antonio Brancaglioni Jr através do SESHAT - Laboratório de Egíptologia do Museu Nacional / UFRJ - e distribuído para o público e este autor que escreve no ano de 2015, por conta da presença na III SEMNA - Semana de Egíptologia do Museu Nacional.

¹² “A palavra em egípcio para múmia era *sah*, cujo significado era “imagem eterna” [...]” (BRANCAGLIONI Jr, 2009, p. 52).

Segundo Brancaglioni Jr (2013), seu esquife de madeira estucada e policromada foi dado de presente¹³ cerca de 2.600 mil anos depois, em 1876, para Dom Pedro II quando realizada a sua segunda viagem ao Egito. Mas, se as peças da Coleção Egípcia que estava sendo formada¹⁴ ficavam no Museu Nacional - até então sediado no Campo de Santana¹⁵ - Sha-amun-em-su encontrou um lugar para morar ainda mais especial: o Imperador tinha um museu¹⁶ na sua casa, o Paço de São Cristóvão - que é atual edifício sede do Museu Nacional¹⁷ (CHAVES, 2019).

Conhecido como gabinete de curiosidades, o Museu do Imperador recebia ilustres visitantes, bem como era destinado aos interesses in loco do monarca estudioso (DANTAS, 2007). E lá o esquife da Sha-amun-em-su estava, em um lugar provável de constante presença do Imperador, e sendo até hoje uma das peças mais emblemáticas¹⁸ e relacionadas às memórias de Pedro II com o acervo do Museu Nacional. Seria a antiga sacerdotisa e cantora, companheira de incontáveis tempos juntos que foram compartilhados no encontro de afinidades com o próprio estudioso? Talvez como uma amiga, Pedro parece ter se preocupado com ela.

Tinha mesmo uma múmia dentro do caixão? Com quase 3 mil anos e histórias de saques que passeiam por um crescimento de uma mania e interesse, seja de curiosidade ou estudo, de um Antigo Egito desconhecido, geralmente quando um caixão era encontrado, este já havia sido violado, e dentro dele nada mais estava, ou o que estava não correspondia ao que de fato deveria ser ali encontrado (CHAVES, 2019).

¹³ Presente do Quênia Ismail Pacha, governante do Egito naquele período.

¹⁴ Iniciada pelo Imperador D. Pedro I através do arremate em um leilão de peças de antiguidades egípcias, anunciadas pelo comerciante Nicolau Fiengo no ano de 1826 (BRANCAGLIONI Jr, 2005).

¹⁵ Ver nota 8.

¹⁶ Dom Pedro II, assim como a Imperatriz Dona Teresa, cada um com suas particularidades de gostos, eram entusiastas das ciências, tendo como exemplo os interesses de estudo sobre a disciplina Arqueologia. Além da múmia do Imperador, haviam artefatos de Arqueologia Brasileira, da Antiguidade Clássica...

¹⁷ Idem nota 14.

¹⁸ Sha-Amun-em-su chegou a ser intitulada como “ a favorita do imperador”, conforme a matéria (capa de revista) publicada pela FAPESP na edição 215 de Janeiro de 2014 por Marcos Pivetta. Disponível em:

<<https://revistapesquisa.fapesp.br/o-ultimo-ato-da-favorita-imperador/>>.

D. Pedro II, um monarca estudioso, logo ficou curioso para ver o que tinha dentro do caixão. Mas com uma atenção além da conta, de acordo com a curiosidade do seu tempo, o Imperador abriu a parte do caixão em que ficava os pés da múmia e constatou que sim, havia uma múmia ali dentro. Sanada a dúvida, o esquife nunca mais foi aberto. Dentre museus pelo mundo afora, uma das particularidades mais especiais do esquife de Sha-amun-em-su era a sua não violação, fato raro para esses achados¹⁹.

Outra história muito interessante é sobre um acidente que, enquanto “[...] decorava o seu gabinete, guardada em pé, próximo a uma janela, durante uma violenta tempestade o esquife foi atingido pela janela, danificando uma parte de sua lateral, posteriormente restaurado²⁰” (BRANCAGLION Jr, 2013, p. 44).

Sha-amun-em-su permaneceu do mesmo jeito desde quando um sacerdote lacrou seu caixão e alguém a viu pela última vez. Ela permaneceu no gabinete do Imperador até 1889 quando Pedro II se despediu com a Proclamação da República, e foi incorporada ao acervo do Museu Nacional²¹ (BRANCAGLION Jr, 2005).

Contemporaneamente para estudos, através de métodos de investigação não invasivos, como a análise de imagens através de tomografia computadorizada, realmente já não haveria motivos para a abertura do caixão, entendendo que a peça deveria manter os valores da sua integridade, além da tecnologia utilizada ser extremamente eficaz para a pesquisa na busca de respostas para determinadas questões e novas informações.

¹⁹ Conforme história contada por Antonio Brancaglioni Jr, na visita técnica na exposição de Egito Antigo do II Curso de Formação de Mediadores do Museu Nacional no ano de 2013 e posteriormente mediadas com o público visitante no espaço expositivo.

²⁰ Lembro de ver o restauro e ter conhecido a história pela primeira vez através da voz do próprio Brancaglioni Jr, na visita técnica do treinamento no II Curso de Formação de Mediadores do Museu Nacional em 2013. Acho que talvez tenha sido ali que a Restauração tenha me ascendido a curiosidade de um interesse que perceberia alguns anos depois, através do ingresso nos estudos da Conservação e Restauração pela Escola de Belas Artes / UFRJ.

²¹ Assim podemos perceber como as histórias do Museu do Imperador estão diretamente entrelaçadas às histórias do Museu Nacional.

Sabe-se por exemplo que a região da garganta, que contempla as cordas vocais, receberam um tratamento diferenciado do restante do corpo, pois Sha-amun-em-su era uma cantora e em seu descanso seria o dom da voz que ela deveria carregar consigo pela eternidade²². Amuletos também foram identificados entre as bandagens, como um escaravelho coração e um embrulho contendo amuletos próximo às suas mãos (BRANCAGLION Jr, 2009)²³.

O desastrosos incêndio de 2 de setembro de 2018 parece nos dirigir a contar histórias sobre algo que já não existe mais. Quando pensamos sobre isso, é preciso dizer que contamos sobre algo que ainda existe! Trago algumas reflexões sobre a resistência e reexistência da Sha-amun-em-su e a Coleção Egípcia do Museu Nacional. Segundo o primeiro²⁴ resultado no campo de busca do google:

Sobre: resistência, do verbo **resistir**- 1. transitivo indireto e intransitivo, conservar-se firme; não sucumbir, não ceder; 2. transitivo indireto, não ceder ao choque de outro corpo.

Sobre reexistência, do verbo **reexistir**- 1. verbo intransitivo, tornar a existir; restabelecer-se, reaparecer (aquilo que havia terminado ou desaparecido).

Sha-amun-em-su, e o que também pode ser aplicado para outros artefatos da Coleção Egípcia do Museu Nacional, continua existindo de algum jeito, e não existindo de outro também, mas resistindo e reexistindo. Sha-amun-em-su existe enquanto materialidade, mas enquanto não material também.

Sha-amun-em-su existe enquanto imagem, e não apenas como fotografias das visitas que fizemos (o que é extremamente importante também),

²² Idem nota 18.

²³ Sabia-se até de um casulo de vespa na face interior do esquife, provavelmente consequente da ação de infestação que teria agido em algum momento após o seu funeral.

²⁴ No momento que foi escrito este trabalho.

mas de um jeito diferente permanece com algum vestígio do que ela foi, pelo registro da tomografia computadorizada, possibilitando sua reexistência em um modelo imagético registrado como de fato ela existiu, ou até mesmo pela possibilidade de impressão 3D de um modelo para composição de uma materialidade que ainda é tangível de algum modo.



Ilustração 2: imagens computadorizadas da Sha-amun-em-su no interior de seu esquite.

Fonte: revistapesquisa.fapesp.br/o-ultimo-ato-da-favorita-imperador/

A conservadora-restauradora Noemi Almeida²⁵ em seu trabalho *Recursos digitais na preservação de acervos: o caso da coleção egípcia após incêndio no Museu Nacional*, afirma sobre a forma que:

Mas a situação de maior utilidade e necessidade de uma peça tridimensional e detalhada é em casos extremos de desaparecimento/destruição do patrimônio. Na ausência do mesmo, um registro 3D traz possibilidades a serem exploradas visando ao não esquecimento.

(ALMEIDA, 2022, p. 21)

E é necessário dizer que como a conhecíamos antes, Sha-amun-em-su não existe mais, mas não que isso faça com que ela deixe de existir, bem como a Coleção Egípcia, outros acervos do museu, e como tantas coisas que já se transformaram no mundo, e continuam vivas de outras maneiras, nessas resistências e reexistências que são mencionadas aqui repetidas vezes.

Sha-amun-em-su, resiste de formas que antes não conhecíamos ou não pensávamos tanto. Que não fosse assim, é lamentável, que não a conhecêssemos pela memória do fogo, mas é assim, e ainda podemos continuar a conhecendo, admirando, não esquecendo, e nos surpreendendo.

²⁵ Egressa do Curso de Conservação e Restauração pela EBA / UFRJ.

Sem esquite, o escaravelho coração se revelou, os outros amuletos também, todos foram encontrados, está aí, estamos conhecendo mais histórias.

Pedro Von Seehausen²⁶ foi o arqueólogo que reencontrou o escaravelho²⁷ (ilustração 3) da dama sacerdotisa, no resgate do acervo consumido pelo fogo dentro do palácio:



Ilustração 3: o escaravelho coração da cantora Sha-amun-em-su.

Fonte:

https://www.museunacional.ufrj.br/destaques/docs/500_dias_resgate/livreto_500_dias_de_resgate.pdf

Sha-amun-em-su conta de muitas vidas, de muitas histórias, dos seus cantos em Karnak, de suas conversas com Pedro, das minhas conversas com ela, dos visitantes que a admiravam com curiosidade dando uma espiada nos seus pés para ver que sim, ela estava lá dentro!²⁸ Sha-amun-em-su é memória. Ela está na nossa memória, e na ausência também, continua vivendo nas lembranças, alguns ainda a conhecerão, digamos que de outra maneira, através do que está sendo escrito. Ela já não existe, mas ainda existe, e resiste e reexiste de tantas formas potenciais. É sobre a potencialidade do que podemos preservar. É a presença.

²⁶ Programador Visual / editor de arquivos tridimensionais no Museu Nacional / UFRJ.

²⁷ Também foram encontrados 8 amuletos que estavam com a múmia.

²⁸ E realmente era assim nas conversas com o público.



Ilustração 4: mediadores do Museu Nacional conversam sobre a múmia Sha-amun-em-su.

Fonte: arquivo pessoal de Ariadny Lorrainy.



Ilustração 5: o escaravelho coração de Sha-amun-em-su ainda contido no interior de seu esquife.

Fonte livro: paleontologia. arqueologia. fetologia: tecnologias 3D, 2009, p. 73.



Ilustração 6: exposição de Egito Antigo do Museu Nacional / UFRJ. O caixão ao centro do salão é o da Sha-amun-em-su.

Fonte: livro paleontologia. arqueologia. fetologia: tecnologias 3D, 2009, p. 50.

3 SOBRE O QUE NÃO CONHECI, A SALA DE VISITAS DA IMPERATRIZ D. TERESA CRISTINA

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.

(NORA, 2012, p. 7)

No capítulo anterior, contei histórias sobre a Sha-amun-em-su, que, em algum momento conheci, fui apresentado e estou sendo reapresentado a ela também. A sala de visitas da Imperatriz D.Teresa Cristina, não conheci, mas sei que já estive, por mais que não saiba exatamente onde, estive nela, ao andar pelas salas expositivas do segundo pavimento do edifício do Museu Nacional, o antigo Paço de São Cristóvão. Mas como ter memória sobre o que não se sabe como existiu? E de onde vem essa vontade de memória do que não conhecemos?

O pensamento de Nora (2012) sobre o sentimento de memória que foi esfacelada e o despertar da curiosidade e vontade dela, alinha-se ao que foi escrito por Halbwachs (1990):

Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças. Se, ao contrário, essa cena parece não ter deixado, como se diz, nenhum traço em nossa memória, isto é, se na ausência dessas testemunhas nós nos sentimos inteiramente incapazes de lhe reconstruir uma parte qualquer; aqueles que não-la descrevem poderão fazer um quadro vivo dela, mas isso não será jamais uma lembrança.

(HALBWACHS, 1990, p. 28)

A memória que aparentemente já não mais existe, em algum lugar ainda existe, porém fragmentada, pelos seus pedaços quando resistentes ao tempo, mas que não nos trazem uma compreensão a como de fato era constituída. Parece que se algumas partes ficaram, entre as lacunas, temos lembranças imaginadas, compreendendo que “Rememorar é combater a inquietante ameaça do que é o esquecer, e a maioria é uma constante luta contra o (im)possível esquecimento” (FAM, 2012, p. 43).

E é importante a reflexão de que recordar traz consigo a possibilidade de resgates, mas tendo em conta o exercício de respeitar a memória ausente: é o que ficou (e nos conta muito) e o que falta (talvez sendo o que pode nos contar muito mais).

Portanto, que memória podemos ter sobre um lugar que ainda existe, mas não mais como antes, nem como se sabe exatamente onde?

Entende-se que “Desde o Renascimento, o segundo andar das grandes edificações era considerado o plano norte, o local mais nobre, ambiente para a apresentação do status do proprietário (DANTAS, 2007, p. 99). Dentre os três pavimentos do Paço de São Cristóvão, é crível dizer que a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina ficava disposta em algum dos salões do segundo pavimento do edifício, que em majestosos tempos, reunia diversos ambientes para o prosseguimento dos rituais da diplomacia e da sociabilidade da monarquia brasileira.

Além de considerar que ficaria próxima a outros espaços²⁹, também pertencentes ao segundo pavimento, nos quais os visitantes ilustres eram recebidos, conforme foi mencionado em *O Leilão do Paço de São Cristóvão* por Francisco Marques dos Santos (1940):

Em São Cristóvão, os visitantes ilustres e os diplomatas eram recebidos na Sala dos Embaixadores e levados à Sala do Trono, quando o cerimonial assim determinava.

Fora disto, dom Pedro II recebia os amigos, ministros, conselheiros de Estado e visitantes da terra em seu gabinete, em sua biblioteca, ou na sala do Conselho de Estado, a das *sabatinas*.

Não raro, também na sua sala de visitas, a de no 20 do catálogo.

Não era esta uma *sala de estado*, antes possuía um *cachet* da dona da casa. S. M. a Imperatriz lá recebia ministras, consulesas e damas graduadas que a visitavam.

(SANTOS, 1940, p.153)

²⁹ A Sala dos Embaixadores e a Sala do Trono são exemplos de salas históricas remanescentes do Paço de São Cristóvão, em que seus tetos decorados e pinturas murais (somente para a Sala do Trono) resistiram no Museu Nacional até o incêndio de 2 de setembro de 2018. Através dos anos as salas acomodaram novos usos, como exposições temporárias e o recebimento dos públicos visitantes do museu. Mesmo depois do incêndio, e com as ausências decorativas ampliadas, a identificação de seus usos passados se mostra permanente, devida a identificação e memória ainda lembrada.

A sala denominada como de número 20 (ilustração 7) no catálogo do Leilão do Paço, pode ser compreendida como a sala de visitas da Imperatriz. Mas sua localização não continuou precisa, devida a forma como ocorreram os eventos que previam a desabilitação dos seus usos, seja pelo desordenado inventário no qual não era uma preocupação a preservação de como a sala era composta e conformada, seja pelo desmonte da sala e do desmembramento da reunião do conjunto de seus equipamentos.

Sala nº 20

De visitas

1376	1	almofada de cetim azul bordada a prata.
1377	1	dita idem idem com trabalho de crochê e lã.
1378	1	dita de veludo preto e cetim.
1379	1	elegante cadeira de <i>bois-noir</i> estofada com assento de lã bordada.
1380	6	delicadas cadeiras de palissandra com assento de palhinha.
1381	1	rica mobília de palissandra constando de sofá e 4 poltronas com esculturas, coroa e inicial, assentos e encostos estofados de damasco de seda (2:650\$000, sr. Goulart).
1382	12	ricas cadeiras de palissandra com esculturas, coroa e iniciais (T).
1383	2	superiores lâmpadas de bronze dourado a fogo e fina porcelana esmaltada de azul (2:100\$000, sr. Brito).
1384	1	esplêndido vaso de bronze dourado a fogo ricamente esculpado com figuras em relevo (Anjos) peça importante.
1385	1	rico espelho de cristal francês com moldura dourada, coroa e inicial (T).
1386	1	dito idem idem idem.
1387	1	superiores lâmpadas de bronze dourado a fogo e fina porcelana azul esmaltada.
1388	1	esplêndida pêndula em forma de vaso de bronze dourado a fogo com ricos trabalhos em relevo, figuras. (Estes 3 lotes foram vendidos por 2:000\$ ao sr. barão de São Joaquim).
1389	1	ótimo consolo de palissandra com fundo de espelho de cristal francês jardineira, tampo de mármore verde, coroa esculpida e inicial.
1390	1	dito idem idem idem (1:900\$000, os dois, ao sr. Brito).
1391	1	rico sofá de palissandra esculpado com coroa e inicial, assento e encosto estofado de damasco de seda (1:200\$000 ao sr. Cláudio da Silva).
1392	1	banquinho estofado de lã bordada e miçangas.
1393	1	rico espelho oval de cristal com moldura dourada e esculpada com coroa.
1394	1	ótimo lustre de bronze dourado e cristal para 12 velas (comendador Bethencourt da Silva, por 400\$000).
1395	2	pares de ricas cortinas de damasco de seda com sombras de renda e galerias douradas (500\$000, ao sr. Passidônio Moreira).
1396	1	grande rico tapete aveludado que forra o salão (vermelho cor de telha, com ramagens).

Ilustração 7: relação dos itens da sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina.

Fonte: <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/1940-Vol-01.pdf>

Por consequência da Proclamação da República em 1889 e a sequencial partida da família imperial para o exílio na França, ocorreram 13 leilões³⁰ dos bens inventariados no interior do Paço de São Cristóvão em 1890, com a intenção de apagamento dos símbolos que trouxessem à memória uma monarquia que tinha acabado de ser destituída, e deveria ser esquecida por seus contemporâneos, e assim por conseguinte para as gerações futuras (ALCANTARA, 2018).

O Oitavo Leilão do Paço³¹ contemplou peças loteadas referentes a sala de visitas da Imperatriz, sendo os lotes que constam do número 1376 ao 1396 (SANTOS, 1940). Mas até então, apenas dois lotes que correspondem aos números 1381 e 1382 podem ser identificados como aqueles que compuseram o cômodo em questão. É um conjunto de assentos guarnecidos em seu topo com as iniciais "T", que assinavam a recepção da Dona Teresa. Que hoje encontra-se justamente na sala de visitas que foi montada para a Imperatriz no Museu Imperial³².

Relativo ao lote 1381, corresponde o conjunto de assentos, constando de 1 sofá (ilustração 8) e 4 cadeiras de braços (ilustração 9 e 10) em madeira de jacarandá³³ e com assento, encosto e cotoveleiras forrados por tapeçaria de manufatura *Aubusson*³⁴, tendo fundo rosado e exacerbada decoração floral. O encosto do sofá é composto por três medalhões, sendo que o central tende para um olhar horizontalizado e o forro é emoldurado com florais entrelaçados e um vaso de flores posicionado ao centro. Os encostos laterais compreendem a verticalidade e o forro é circundado por flores encruzilhadas e um buquê com

³⁰ Este número corresponde aos pregões respectivos ao Paço de São Cristóvão. O espólio da família imperial abrangeu 18 sessões, sendo 2 para as Cocheiras do Paço da Cidade e 3 para a Fazenda Imperial de Santa Cruz, conforme publicado no *Jornal do Commercio*, e citado por Francisco Marques dos Santos na publicação *O Leilão do Paço de São Cristóvão* de 1940 (ALCANTARA, 2018).

³¹ Anunciado no *Jornal do Commercio* em 30 de setembro de 1890, e também publicado em folheto.

³² Sala de visitas cuja montagem de móveis autênticos do século XIX é forjada para contextualizar a organização de um ambiente que era dedicado aos usos da Imperatriz.

³³ Idem palissandra.

³⁴ Segundo Alcindo Sodrê na publicação *Museu Imperial* de 1950.

E na listagem do catálogo da sala 20, consta que o tecido é de damasco de seda. Uma avaliação do tipo de tecido e da sua autenticidade seria interessante, visto que o forro dos mobiliários de assentos não costuma estar em um bom estado de conservação ao longo dos anos, devida a fragilidade da fibra têxtil e o mal uso que não favorece a chegada do estofado original nos nossos dias. Além da troca do tecido, por conta do gosto à quem os móveis já possam ter pertencido.

fita disposto no meio. Já os medalhões de duas cadeiras são horizontais e os outros dois verticais, com o mesmo padrão decorativo dos encostos laterais do sofá. Todos os cachaços são esculpidos com a inicial “T”, correspondente a Imperatriz Teresa Cristina, e encimados pela coroa imperial. As linhas da madeira são levemente sinuosas, a exemplo dos coutos. As pernas das cadeiras de braços são mais curtas do que as do sofá, assim as deixando um pouco mais baixas.



Ilustração 8: sofá com topos encimados com inicial “T”.

Fonte: Museu Imperial, Petrópolis, Brasil — Google Arts & Culture. Acesso em 14. set 2023.



Ilustração 9: cadeira de braços encimada com inicial “T”.

Fonte: Museu Imperial, Petrópolis, Brasil — Google Arts & Culture. Acesso em 14. set 2023.



Ilustração 10: cadeira de braços encimada com inicial “T”.

Fonte: Museu Imperial, Petrópolis, Brasil — Google Arts & Culture. Acesso em 14. set 2023.

Corresponde ao lote 1382 as 12³⁵ cadeiras (ilustração 11) em madeira de jacarandá³⁶ e com assento, encosto e cotoveleiras forrados por tapeçaria *Aubusson*³⁷, tendo fundo rosado e exacerbada decoração floral. O encosto é em medalhão e o forro é emoldurado com florais e um buquê de flores com fita branca posicionado ao centro. O cachaço é esculpido com a inicial “T”, correspondente a Imperatriz Teresa Cristina, e encimados pela coroa imperial. Em geral, as linhas da madeira são menos sinuosas comparadas ao conjunto do lote 1081, bem como as pernas das cadeiras são um pouco mais altas.



Ilustração 11: cadeira encimada com inicial “T”.

Fonte: Museu Imperial, Petrópolis, Brasil — Google Arts & Culture. Acesso em 14. set 2023.

Dentre contadas aproximadamente 45 peças, os exemplares de 17 peças até então³⁸ podem ser demonstradas. Mas a disposição que elas tinham, ou seja, os modos que estavam organizados na sala já é desconhecido. Santos (1940) narrou a sua sugestão de como a sala poderia ter se conformado:

Um tapete aveludado, com discretos arabescos forrava essa sala.

De um lado estava disposto um conjunto formado por sofá, quatro poltronas e doze cadeiras de palissandra com esculturas, coroa e inicial T. Viam-se nas paredes três espelhos sendo dois de cristal francês, molduras douradas e inicial T; outro oval, com moldura dourada e coroa imperial. Este último estava isolado na parede e os dois primeiros repousavam atrás de consolos de jacarandá, com fundo de espelho de cristal francês, jardineiras, tampo de mármore verde, coroa esculpida e inicial. Sobre cada consolo se viam dois lampiões de bronze dourado a fogo e fina porcelana esmaltada de azul e ao centro um vaso de bronze dourado com anjos em relevo. No outro consolo, os mesmos lampiões tendo ao centro bela pêndula de bronze, em forma de vaso, com figuras em relevo.

De outro lado da parede sofá análogo ao do conjunto acima, um banquinho estofado de lã bordada a miçanga.

³⁵ Dessas, apenas 4 estão expostas na sala de visitas do Museu Imperial.

³⁶ Idem nota 29.

³⁷ Idem nota 30.

³⁸ No momento da presente pesquisa.

Seis cadeiras de jacarandá com assento de palhinha, uma cadeira de *bois noir* estofada com assento de lã bordada. Sobre os sofás notava-se uma almofada de cetim azul bordada a prata, outra com trabalho de crochet e lã e outra, finalmente, de veludo preto e cetim.

Ótimo lustre de bronze dourado e pingentes de cristal, com 12 mangas com coroas, ramos de fumo e café e iniciais do monarca, pendia ao centro da sala. Dois pares de cortinas de damasco de seda carmesim com sombras de renda e galerias douradas compunham as portas que davam acesso à sala. Nas paredes existiam quadros a óleo.

(SANTOS, 1940, p.153-154)

Se assim foi, não há como saber. A sala não existe mais, e o que sobrou leva apenas a imaginação a corresponder a como o cômodo poderia ter sido. Mas algumas considerações sobre a sala podem ser feitas com certeza: esta ficava no segundo pavimento do Paço de São Cristóvão; o pé direito era alto devido a conformação da arquitetura palaciana da edificação; e possuía ao menos duas portas-janelas devida a presença dos dois pares de sombras de renda³⁹ que acompanhavam as cortinas de damasco de seda, conforme descrito no lote 1395 do catálogo do Leilão do Paço. Já outras considerações podem ser feitas através dos contextos de uma época, como o que é explorado em *O Olhar Decorativo*⁴⁰ de Marize Malta Teixeira (2011), sobre as *Salas de recepção: visitas*.

Malta (2011) nos conta que as salas de visitas poderiam acompanhar a operacionalidade de outras funções de acordo com o tamanho do lar, seja com o funcionamento integrado como sala de música ou sala de estar da família, mas compreendendo uma casa com incontáveis cômodos, a sala de recepções era de uso exclusivo para a sua finalidade: a de receber os convidados. E as estampas floridas dos assentos pode ser justificada pelo gosto de:

Como se acreditava que a fisionomia do ambiente influenciava nos humores, no espírito e na conversação, era imprescindível que o ambiente transparecesse vivacidade, alegria; do contrário, num salão escuro e triste, os convidados se sentiriam melancólicos.

(MALTA, 2011, p. 73-74)

Os assentos são exemplos do universo de características que podemos trazer à memória de um lugar, que em algum modo é possível conhecer. Se as paredes já não possuem quadros e pormenores, se “os móveis seguiam o estilo da decoração fixa, e a fantasia seria relegada aos móveis secundários”

³⁹ Para a luz que adentra através das vidraças das portas-janelas.

⁴⁰ *O Olhar Decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*.

(MALTA, 2011, p. 75), que assim imaginemos, investiguemos, estudemos e visitemos lugares que já não existem e as suas possibilidades no movimento das coisas que os deixavam vivos.

Pois se a falta das menores peças como almofadas de cetim azul e bordado prata, de crochê ou de veludo preto e cetim, denotam a ausência daqueles que lá habitavam e recebiam antigos visitantes com alegria e conforto, os visitantes de hoje continuarão sendo a presença de quem quer entrar em uma estimada casa de ilustres antigos imperadores, e atual lar do Museu Nacional no qual queremos sempre revistar para conhecer o que ficou para trás, e para saber quais são as novidades de uma casa que quando vive, está em constantes mudanças.

E se os usos atuais são outros, estes em algum ponto se encontram com o passado. De alguma forma, a sala de visitas continuou recebendo visitantes, mesmo que destinada a outros usos e a ausência da consciência de se estar nela. A memória da sua ausência deve ser respeitada, mas não esquecida, e sim lembrada. Hoje são os visitantes que podem manter a casa viva em seus trânsitos dentro dela, ao passar por uma sala que ainda existe de outra maneira, já não existe como antes, em que suas paredes resistem ao fogo e reexistem através das próximas recepções expostas para o público do Museu Nacional. Que as próximas gerações estejam convidadas a conhecê-la... pois os que visitam são a presença...

Mas que na presença, haja o esforço de reflexão do que estas paredes contam. E isso só pode ser feito de maneira eficaz pelas pessoas que visitam, quando contada com a colaboração da instituição nos resgates de suas próprias memórias institucionais e a mediação realizada com os seus públicos. Se há memória na ausência, como entender que ela está aqui e desempenha um papel fundamental e importante no ato de lembrar e preservar as coisas em seus modos de existir?



Ilustração 12: detalhe de topo com inicial "T".

Fonte: Sala de visitas da Imperatriz Thereza Cristina, Museu Imperial, Petrópolis, Brasil. | TikTok.
Acesso em 14. set 2023.

4 TER MEMÓRIA NA AUSÊNCIA: TER MEMÓRIA DA AUSÊNCIA

Mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão de imagens que lhe representam os objetos exteriores. Eliminaí agora, eliminaí parcialmente ou modificaí em sua direção, sua orientação, sua forma, seu aspecto, essas casas, essas ruas, essas passagens, ou mudai somente o lugar que ocupam em relação ao outro. As pedras e os materiais não vos resistirão. Mas os grupos resistirão, e, deles, é com a própria resistência, senão das pedras, pelo menos de seus antigos arranjos na qual vos esbarreis. Sem dúvida, essa disposição anterior foi outrora obra de um grupo. O que um grupo fez, outro pode desfazê-lo. Mas o desígnio dos antigos homens tomou corpo dentro de um arranjo material, quer dizer dentro de uma coisa, e a força da tradição local veio da coisa, da qual era a imagem.

(HALBWACHS, 1990, p. 136-137)

Se as pedras mudam, elas não deixam de existir, transformam-se naquilo que elas são, porém carregando cada vez mais memórias e ausências. E quando há o nosso esforço de compreendê-las, as ausências se revelam e trazem consigo a potencialidade das memórias que ainda podem ser contadas, e assim preservadas. Somos nós que movimentamos as pedras e construímos suas memórias, para elas continuarem vivendo. São as pessoas que fazem as histórias de objetos e lugares continuarem vivas.

Lembro-me que quando aconteceu o incêndio no Museu Nacional, quase que imediatamente ao ocorrido começou a campanha *Museu Nacional Vive*⁴¹. Termo usado não apenas para nomear um projeto, mas para lembrar tanto o corpo social do museu, amigos e parceiros e toda a sociedade, de que o museu continuava vivo para aqueles que o constroem, amam e se importam, pois são as pessoas que o fazem existir. Claro, não deixando de pensar, refletir e se responsabilizar pela perda de materialidades que acompanham memórias irreparáveis, e o cuidado que faltou sobre a preservação delas.

A ausência trás memórias, as memórias carregam ausências. E o que podemos fazer sobre esta contínua relação de troca? Preservar: as histórias das memórias; e as histórias das ausências. Pois é competência preservar o quanto nós podemos o que os objetos, lugares e pessoas podem nos contar.

⁴¹ Disponível em: <<https://museunacionalvive.org.br/>>.

Ter memória na ausência, é importante, e se faz ainda mais importante quando estamos conscientes da permanência das ausências, e temos memórias delas.

Ter memória da ausência, possibilita que a história como ela aconteceu continue viva, através de muitas partes: da que ainda existe; da que já não existe; da que tenta resistir; e da que pode reexistir. Sha-amun-em-su é todas essas partes, bem como a sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina. De diferentes maneiras, elas conseguem continuar vivas pelo o que elas próprias ainda conseguem contar, mas fundamentalmente elas estarão ainda mais vivas pelo o que nós podemos fazer pela preservação das suas memórias.

Porém, que sejamos também conscientes de que as histórias de Sha-amun-en-su e da sala de visitas da Imperatriz D. Teresa Cristina não se resumem as suas ausências. Há sim o valor inerente e constante das ausências que estão ali, mas estas estão aqui pela preservação de suas memórias, ao respeito e preocupação de como elas podem se manifestar.

“Fica claro, portanto, que o processo de rememorar é tão valioso quanto o objeto que se encontra na memória, porque a trajetória ao encontro daquele passado modifica, também, o presente” (FAM, 2012, p. 45). Mas levando em consideração que:

Faço também notar que a reflexão histórica se aplica hoje à ausência de documentos, aos silêncios da história. [...] Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços em branco da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e da ausência de documentos.

(LE GOFF, 1990, p. 109)

E compreendendo que “Tanto a conservação como a restauração são um estado mental: uma matriz pessoal de escolhas formativas, técnicas, estéticas, culturais, políticas e metafísicas” (MCLEAN, 1995, apud VIÑAS, 2021, p. 21). E somos agentes contribuintes e pensantes em que “A autenticidade cultural ou artística tem haver tanto com um presente inventivo quanto com um passado, sua manifestação material, sua conservação ou sua ressurreição” (CLIFFORD, 199?, apud VIÑAS, 2021, p. 89). Se conservar para não restaurar, conhecer para preservar, e não esquecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se há memória, há ausência. Às vezes mais, às vezes menos. Uma parte sempre é esquecida, mas muitas outras podem ser lembradas. É a memória que está aí. Se hoje as ausências ficaram mais expressivas, também já haviam outras deixadas desde muitos anos atrás. Mas atenção. Que sejamos mais atentos. E desde agora podemos tentar preservar tantas memórias: as deixadas pelo passado; as do nosso momento contemporâneo; e para as pessoas que virão, que esta contribuição que é escrita, por exemplo, as ajudem. Sem esquecer também, que somos duramente responsáveis pelas ausências que deixamos, como a da memória do fogo no Museu Nacional, na qual a lembrança é extremamente necessária que seja carregada com a gente.

E lembrando que, por diferentes contextos, somos nós que permitimos que as coisas continuem vivas. E a Sha-amun-em-su, ainda vive, a sala de visitas que não conheci, de algum modo - como através da documentação e mobiliário - ainda existe, no que é possível conhecê-la.

Não sei onde era exatamente essa sala, mas sei que ainda passarei por dentro dela. Ainda não reencontrei a Sha-amun-em-su através do seu coração, mas já a encontrei através das minhas memórias.

Como conservador-restaurador, tenho a consciência de que a ausência se alimenta de memória. Então temos muito para contar sobre ela. É a história que não acaba, é a história que deve continuar até quando a gente puder contar sobre ela.

Resistir para continuar existindo. No fazer do conservador, pensar sobre a preservação conceitual das coisas faz-se tão importante quanto a da matéria, é sobre as pessoas⁴².

Quais são os alcances que o conservador-restaurador do Patrimônio Cultural pode observar na prática do exercício da sua profissão? Compreendo que a Conservação e Restauração - que se originou em prática e constituiu teoria, fazendo uma aliança entre si e com outras áreas⁴³ do conhecimento

⁴²Como atentamente pensado por Salvador Vinãs.

⁴³ Como dito por Beatriz Fam, vide citação entre as três últimas linhas da página 29 deste trabalho.

para abarcar e consolidar a potencialidade do seu discurso - é efetiva quando nós agentes envolvemos as pessoas através das possibilidades que estão disponíveis, para elas terem a oportunidade do conhecimento sobre alguma memória, e por seguinte constituir suas próprias memórias e questionamentos sobre o que está representado e os acontecimentos que foram desdobrados. “Formar acervos e colocá-los em um museu é, por si só, um poderoso ato de preservação, mas é preciso mais que isso. A sociedade depende dos museus para preservar coisas não apenas para o presente, mas indefinidamente para o futuro” (APPELBAUM, 2023, p, 23). E o museu depende dos indivíduos que o compõem, profissionais e visitantes que relacionam-se construindo diálogos no presente e o conhecimento que se almeja chegar no futuro.

Atuar na preservação do Patrimônio Cultural é uma luta de todos os dias, e além de um dever, tem sido um ato de coragem dos profissionais e das pessoas que formam a sociedade e defendem as memórias dos diversos bens culturais existentes, já não existentes, resistentes e reexistentes, e portanto, pertencentes a todos nós. As lutas contra os seus (im)possíveis⁴⁴ esquecimentos se fazem necessárias pela proteção do patrimônio que todos devem conhecer, por mais que muitos não tenham conhecido antes, e aparentemente o bem cultural já não mais exista, ele sim continuará existindo através do conhecimento que é formado pelas pessoas. É importante que estejamos conscientes sobre um interesse que é de responsabilidade e de direito de todos nós, e ainda mais daqueles que estão por conhecer. Que falemos das histórias das ausências e memórias, pois enquanto lembrarmos, menos esquecemos e elas vivem. É possível que elas vivam de muitas outras formas.

⁴⁴ A exemplo da História da Arte, História, Filosofia, Direito, Antropologia, Química, Física e Biologia.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Renato de Oliveira. **Vestígios das decorações interiores do Paço de São Cristóvão**: a presença de uma ausência. Rio de Janeiro, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte)- Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ALMEIDA, Noemi de Freitas. **Recursos digitais na preservação de acervos**: o caso da coleção egípcia após incêndio no Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração)- Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

APPELBAUM, Barbara. **Preservar, Proteger e Defender**: um guia prático para o cuidado de coleções. 1. ed. Porto Alegre: MW Conservação e Restauração de Bens Culturais, 2023.

BIENE, Maria Paula Van. **O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/ UFRJ**: a definição de uma arquitetura palaciana. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado em Artes Visuais)- Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

BRANCAGLION Jr, A. O estudo científico das múmias egípcias. *In*: LOPES, J.; WERNER Jr, H.; **paleontologia. arqueologia. fetologia**. Rio de Janeiro: Revinter: 2013, p. 49-75.

_____. Revelando o passado: estudos da Coleção Egípcia do Museu Nacional. *In*: BUSTAMANTE, R. M. C.; LESSA, F. S. (org). **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 75-80.

_____. Um Egito ainda desconhecido: coleções e colecionismo no Brasil. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 193, p. 39-55, abr. / jun. 2013.

CARVALHO, Cláudia Rodrigues. **500 dias de Resgate** - Memória, coragem e imagem, Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021. Disponível em: <<https://museunacional.ufrj.br/destaques/publicacoes-resgate.html>>. Acesso em 13 set. 2023.

CHAVES, André Limírio Onofre. **Do kemet para o Novo Mundo: o colecionismo de antiguidades egípcias no Brasil Imperial (1822-1889)**. Belo Horizonte, 2019. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A casa do imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional**. Dissertação (Mestrado em Memória Social)- Programa de Pós Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte, 1996.

FRONER, Y-A.; ROSADO, A. Princípios históricos e filosóficos da conservação preventiva. *In*: FRONER, Y-A.; ROSADO, A. SOUZA, L. A. C. **Tópicos em conservação preventiva - 2**. Belo Horizonte: LACICOR - EBA - UFMG, 2008, p. 1-23.

FAM, B. Ausência da presença, presença da ausência: vestígios que não se pode apagar. **Dossiê Imagem e Memória: Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**. Santa Maria, n. 6, p. 38-48, jan. 2012. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie06/art_03.php>. Acesso em 14 set. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

IPHAN. Aberta consulta pública sobre os bens móveis e integrados. **Iphan**. maio: 2018. Disponível em: <[LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.](http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4634/aberta-consulta-publica-sobre-bens-moveis-e-integrados#:~:text=Bens%20integrados%20s%C3%A3o%20elementos%20que,para%20o%20qual%20foram%20concebidos.>>. Acesso em 11 out. 2023.</p></div><div data-bbox=)

_____. Memória. *In*: POMIAN, K. (org.). **Enciclopédia Einaudi volume 1 Memória - História**. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda: 1984. p. 11-50.

MALTA, Marize. **O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

MOUTINHO, Stella Rodrigo Octavio; PRADO, Rúbia Bueno do; LONDRES, Ruth Rodrigo Octavio. **Dicionário de artes decorativas e decoração de interiores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. J. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Pós Graduados de História**, 10. São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul. / dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em 12 set. 2023.

PIVETTA, M. O último ato da favorita do imperador. **Pesquisa Fapesp**. São Paulo, n. 215, p. 16-23, jan. 2014. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/revista/ver-edicao-editorias/?e_id=257>. Acesso em 13 set. 2023.

SANTOS, F. M. O Leilão do Paço de São Cristóvão. **Anuário do Museu Imperial**, Petrópolis, v. 1, p. 151-316, 1940. Disponível em: <<https://museuimperial.museus.gov.br/anuariosdomuseuimperial/>>. Acesso em 14 set. 2023.

SODRÉ, Alcindo. **Museu Imperial**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoria Contemporânea da Restauração**. 1. ed. Minas Gerais: Editora UFMG, 2021.